

## **PALAVRAS DO BRASIL – VOCABULÁRIO E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NO IMPÉRIO DO BRASIL**

**Aluna: Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack**

**Orientador: Ilmar Rohloff de Mattos**

### **I – Relatório Técnico – Período: Agosto de 2007 – Julho de 2008**

Este texto tem por finalidade descrever as atividades realizadas por mim na pesquisa, ao longo desse ano que se passou. O projeto “Palavras do Brasil – Vocabulário e Experiência Histórica no Império do Brasil” conta com uma equipe composta pelo orientador professor Ilmar Rohloff de Mattos, pelas pesquisadoras bolsistas Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack e Maria Luiza Ghizi Assad e pelos pesquisadores voluntários Tania Quiles Lustosa e Raphael Diego Neves Martins.

- **Práticas do Grupo**

Em nossa pesquisa mantemos a prática de encontros em reuniões semanais, quando realizamos leituras e discussões de textos, sob a forma de seminários. Os textos trabalhados podem ser tanto substantivos (historiográficos) quanto fontes primárias, e apresentam uma relação orgânica entre si. Por vezes, fragmentos de textos de diversos autores, como Reinhart Koselleck, E. P. Thompson e Lucien Febvre, nos auxiliaram a desenvolver uma relação entre conceito e história, relação essa essencial a nossa pesquisa.

Uma outra atividade também realizada pelas pesquisadoras é a elaboração de relatórios e fichamentos, que respeitam o ritmo das leituras. Por meio dessa atividade torna-se possível questionar pertinentemente o texto lido, além de selecionar passagens relevantes para a compreensão dos conceitos, especialmente o de Brasileiro.

No que diz respeito mais especificamente aos textos teóricos e às fontes primárias, aqueles são capítulos de livros e artigos de diversos autores; já estes situam-se em material editado e publicado sob a forma de livros e de revistas.

- **Atividades Desenvolvidas**

Exposição oral deste projeto de pesquisa no XIV Seminário de Iniciação Científica, realizado na PUC-Rio, em Agosto de 2007.

Presença na palestra “*Sociologia Sagrada: uma abordagem francesa da dimensão religiosa do fascismo*” de Carlo Ginzburg, realizada em Agosto de 2007 no Auditório do RDC, na PUC-Rio.

Presença na Dissertação de Mestrado “*Como e porque sou moderno: o lugar do passado no pensamento crítico de José de Alencar*” de Daniel Pinha Silva, defendida em Setembro de 2007.

Presença na Dissertação de Mestrado “*Lições da Ciência do Belo: os Saquaremas e a Conformação dos Brasileiros*” de Zina Maria de Teive e Argollo Valdetaro, defendida em Abril de 2008.

Participação do Seminário “*História dos Conceitos*”, ministrado pelo professor Marcelo Jasmin, ao longo do primeiro semestre de 2008, na PUC-Rio.

- **Bibliografia Básica**

As leituras teóricas realizadas foram:

ANDERSON, Benedict. “*Introdução*”, “*Raízes Culturais*”, “*As Origens da Consciência Nacional*”, “*Antigos Impérios, Novas Nações*”. In: **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

DIAS, Maria Odila Silva. “*A interiorização da metrópole (1808- 1853)*”, In C. Guilherme Mota (org.) **1822: Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GINZBURG, Carlo. “*Sinais. Raízes de um paradigma indiciário*”. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras : Ed. Schwarcz, 1989.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. “*Nação e civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional*”. In: **Revista Estudos Históricos**, nº 1, 1988.

JASMIN, Marcelo Gantus e FERES JÚNIOR, João. “*História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual*”. In: Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Júnior (org.) **História dos Conceitos. Debates e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio : Edições Loyola : IUPERJ, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. “*Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos*”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

\_\_\_\_\_. “*História dos conceitos e história social*”. In: **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto : Editora PUC – Rio, 2006.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **Construtores e Herdeiros. A trama dos interesses na construção da unidade política**.

\_\_\_\_\_. **Do Império do Brasil ao Império do Brasil**.

\_\_\_\_\_. “*A Moeda Colonial em Restauração*”, “*Um Império e Três Mundos*”. In: **O Tempo Saquarema. A Formação do Estado Imperial**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MELTON, James van Horn. “*Otto Brunner e as origens ideológicas da Begriffsgeschichte*”. In: Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Júnior (org.) **História dos Conceitos. Debates e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio : Edições Loyola : IUPERJ, 2006.

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: **Cadernos da Pós/Letras**, 1997.

RICHTER, Melvin. “*Avaliando um clássico contemporâneo: o Geschichtliche Grundbegriffe e a atividade acadêmica futura*”. In: Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Júnior (org.) **História dos Conceitos. Debates e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio : Edições Loyola : IUPERJ, 2006.

RICUPERO, Bernardo. “*Introdução*”. In: **O Romantismo e a Idéia de Nação no Brasil (1830-1870)**. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

ROUANET, Maria Helena. “*Nacionalismo*”, In: José Luís Jobim (org.) **Introdução ao Romantismo**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. “*O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro*”. In: Ana Pizarro (org.) **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo: Memorial / UNICAMP, 1994.

As fontes primárias lidas foram:

ALENCAR, José de. “*Sonhos D’ Ouro*”, In: **Ficção Completa Vol I**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

DENIS, Ferdinand. “*Resumo da História Literária do Brasil*”. In: Guilhermino César (seleção e apresentação). **Historiadores e críticos do romantismo – 1: a contribuição européia, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

GAMA E CASTRO, José da. “*Inventos dos portugueses*”, “*Correspondência (Bartolomeu Lourenço de Gusmão)*”, “*Correspondência (Satisfação a um escrupuloso)*”. In: Guilhermino César (seleção e apresentação). **Historiadores e críticos do romantismo – 1: a contribuição européia, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

GARRETT, Almeida. “*A restauração das letras em Portugal e no Brasil, em meados do século XVIII*”. In: Guilhermino César (seleção e apresentação). **Historiadores e críticos do romantismo – 1: a contribuição européia, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

MARTIUS, Carlos Frederico Ph von. “*Como se deve escrever a História do Brasil*”, In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 6, 1844, págs. 389 a 411.

RIBEIRO, Santiago Nunes. “*Da nacionalidade da literatura brasileira*”. In: **Afranio Coutinho. Caminhos do Pensamento Crítico**. Rio de Janeiro: Ed. Americana : Prolivro, 1974.

## II – Relatório Substantivo

### • Introdução

Durante este período de um ano, tive como principal finalidade analisar a associação do conceito de Brasileiro à construção de uma nacionalidade brasileira, ressaltando o papel que a criação de uma literatura, de uma história e de uma língua próprias do Brasil teria nesse processo de elaboração de uma consciência nacional, ou seja, da “Nação” brasileira. O recorte temporal por mim trabalhado corresponde ao momento específico que manifesta-se a partir da década de 30 do século XIX.

### • Objetivo

A larga utilização das palavras Brasileiro e Nação, a partir da década de 30 do século XIX, pelos habitantes do Império do Brasil, constituiu o foco deste ano de pesquisa do projeto “Palavras do Brasil”. Tal fato revela uma significativa relevância para compreensão das experiências vividas por aqueles agentes sociais, na medida em que, como desenvolve o historiador alemão Reinhart Koselleck, a linguagem possui a capacidade de dar forma e de registrar as mudanças ocorridas em cada área da vida política e social. Os conceitos, longe de serem discursos discretos e autônomos, imunes a qualquer efeito extralingüístico, atuam como Fator e Indicador de uma experiência histórica específica. Como afirma Koselleck:

*“...todo conceito é sempre concomitantemente Fato (Faktor) e Indicador (Indikator). Todo conceito é não apenas efeito enquanto fenômeno lingüístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua [...] Todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível.”*<sup>1</sup>

Assim, para que possamos compreender o valor significativo das duas palavras em questão (Brasileiro e Nação), repito, a partir da década de 30 do século XIX, é importante relacioná-las ao mundo do qual são sintomas e do qual também são fatores de mudança. Esse contexto histórico específico define-se pelo estabelecimento de um corpo político soberano, em 1822, e pela conseqüente necessidade de reconhecimento, por parte dos homens livres e libertos, de sua identidade nacional, ou seja, da “Nação” brasileira.

Distanciando-se da proposta de Ernest Renan no texto intitulado “*O que é uma nação?*”<sup>2</sup>, de que a nação seria uma essência espontânea e natural, possuidora em si mesma de um princípio moral, a Nação brasileira surge como um artefato cultural, como uma construção histórica e social. A cultura, a origem, as tradições, as lembranças, os costumes, os interesses e as aspirações que a Nação brasileira teria em comum, foram ensinados e refletiam a organização política de grupos sociais determinados. A partir da independência política, fazia-se necessário ao Estado imperial construir a associação entre Império do Brasil e Nação brasileira. Impossibilitado de expandir suas fronteiras, o Estado imperial viu-se obrigado a

---

<sup>1</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos*. p.136.

<sup>2</sup> RENAN, Ernest. *O que é uma Nação?*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Cadernos da Pós/Letras, 1997.

empreender uma “expansão para dentro”<sup>3</sup>, indo ao encontro dos brasileiros que forjava por meio da difusão de valores, signos e símbolos imperiais, da elaboração de uma língua, de uma literatura e de uma história nacionais, dentre outros elementos.

A construção da Nação brasileira aproxima-se assim da interpretação exposta por Benedict Anderson no livro intitulado “*Nação e Consciência Nacional*”<sup>4</sup>. Para Anderson, a nação seria uma comunidade política imaginada e a possibilidade de imaginá-la teria surgido historicamente, a partir da decadência das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos, do surgimento de uma concepção de simultaneidade temporal e da disseminação do capitalismo editorial. Esses dois últimos elementos são vistos por Anderson como as mudanças fundamentais nos modos de apreender o mundo, que tornaram possível o “pensar” a nação. Em primeiro lugar, a convergência entre o capitalismo editorial, a imprensa e a fatalidade da diversidade lingüística do homem possibilitou o agrupamento das línguas vulgares orais em um número menor de línguas impressas, passíveis de disseminação pelo mercado. Em segundo lugar, o capitalismo editorial, através dos romances e dos jornais, tornou possível a um número cada vez maior de pessoas pensarem sobre si mesmas e se relacionarem com outras. Dessa maneira, criou-se uma comunidade imaginada entre uma determinada congregação de companheiros-leitores, capazes agora de imaginar a vinculação com o “outro” e de perceber a existência desse “outro” enraizado na vida cotidiana, embora não conhecessem a sua identidade. Como afirma Anderson:

*“Ela [a prática da leitura de jornais e de romances] se desenrola em silenciosa intimidade, bem no fundo da cabeça. Contudo, cada um dos comungantes está bem cômico de que a cerimônia que executa está sendo replicada, simultaneamente, por milhares (ou milhões) de outros, cuja existência está seguro, embora sobre cuja identidade não possua a menor idéia.”*<sup>5</sup>

Como dito anteriormente, foi grande o esforço dos literatos românticos em criar uma literatura de cunho nacional, que exaltasse a originalidade, a singularidade e a individualidade do Povo brasileiro, em oposição à dominação cultural portuguesa, através da figuração de cenas de descoberta, de origens e de momentos míticos de fundação da nacionalidade. Nesse sentido, o Romantismo erige-se como um dialeto político-cultural capaz de emancipar intelectual e culturalmente os habitantes das antigas colônias, criando condições para a existência de nações originais, separadas das antigas metrópoles. Dentre esses literatos românticos estão José de Alencar, Santiago Nunes Ribeiro e Ferdinand Denis, analisados por mim durante esse ano de pesquisa.

José de Alencar, em “*Benção Paterna*”<sup>6</sup>, introdução ao romance “*Sonhos D’Ouro*”, de 1872, defende a possibilidade de criação de uma literatura genuinamente brasileira frente as críticas à falta de intuito literário dos romances em folhetim. Essa seria a literatura

---

<sup>3</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. *Do Império do Brasil ao Império do Brasil*.

<sup>4</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p.44

<sup>6</sup> DE ALENCAR. José. *Sonhos D’Ouro*. In: *Ficção Completa Vol I*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

existente em Portugal antes da descoberta do Brasil, mas diferenciada e peculiarizada por contatos com a natureza americana. A literatura brasileira seria dotada de características e temas próprios, estando apta a construir uma nacionalidade original brasileira. Essa nacionalidade brasileira aparece em Alencar como a fusão da herança lusa com a natureza americana, originando o espírito conterrâneo que afastaria a tentativa de recolonização portuguesa pela cultura. José de Alencar exemplifica bem esta questão ao afirmar:

*“Tempo virá em que surjam os grandes escritores para imprimir em nossa poesia o cunho do gênio brasileiro, e arrancando-lhe os andrajos coloniais de que andam por aí a vestir a bela estátua americana, a mostrem ao mundo, em sua majestosa nudez: naked majesty.”*<sup>7</sup>

De fato, a literatura romântica sempre privilegiará a natureza como traço característico do continente americano. As cenas da natureza e as cores locais são vistas como ativadoras das sensibilidades artísticas: a ênfase dada à natureza americana e a seu habitante original – o indígena – seria a fonte da originalidade da Nação brasileira e possibilitaria uma literatura “efetivamente nacional”. Ferdinand Denis, no texto intitulado “*Resumo da História Literária do Brasil*”<sup>8</sup>, de 1826, também valoriza a natureza americana como fonte de originalidade da literatura brasileira:

*“Se os poetas dessas regiões fitarem a natureza, se se penetrarem da grandeza que ela oferece, dentro de poucos anos serão iguais a nós, talvez nossos mestres. Essa natureza, muito favorável aos desenvolvimentos do gênio, esparze por toda parte seus encantos, circunda os centros urbanos com os mais belos dons; e não é como em nossas cidades [as cidades européias], onde a desconhecem, onde muitas vezes não a percebem.”*<sup>9</sup>

A nacionalidade brasileira aparece em Denis como um gênio peculiar, original na cor, nos costumes e no caráter, porque patenteado pelas raças branca, negra, indígena e mulata. Característica do continente americano, essa nacionalidade brasileira delinearía a imagem do “eu” [do Brasil] e mostraria sua diferença em relação ao “outro” [Portugal]. Como afirma Ferdinand Denis:

*“Quer descenda do europeu, quer esteja ligado ao negro ou ao primitivo habitante da América, o brasileiro tem disposições naturais para receber impressões profundas; e para se abandonar à poesia não precisa da educação cidadina; afigura-se que o gênio peculiar de tantas raças nele se patenteia: sucessivamente arrebatado, como o africano; cavalheiresco, como o guerreiro das margens do Tejo; sonhador, como o americano [aborígene]...”*<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Ibid., p.497.

<sup>8</sup> DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária do Brasil*. In: Guilhermino César (seleção e apresentação). *Historiadores e críticos do romantismo – 1: a contribuição européia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

<sup>9</sup> Ibid., p.37.

<sup>10</sup> Ibid., p.38.

No que diz respeito à existência de uma língua propriamente brasileira, não havia um consenso entre os literatos românticos quanto a esse assunto. Alguns escritores, como José de Alencar, buscaram conscientemente uma forma brasileira de escrita, com vocábulos e expressões locais, com ritmo e pronúncias peculiares: o “acento do Brasil” passou a ser usado estrategicamente na escrita, como forma de afirmação da variante brasileira. Via tupinismos, regionalismos, estrangeirismos ou arcaísmos, parte dos homens de letras buscou ampliar o repertório vocabular disponível, como reforço da definição de uma língua literária própria. Alencar assevera:

*“Estando provado pelas mais sábias e profundas investigações começadas por Jacob Grimm, e ultimamente desenvolvidas por Max Müller, a respeito da apofonia, que a transformação mecânica das línguas se opera pela modificação dos órgãos da fala, pergunto eu, e não se riam, que é mui séria a questão: ‘O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pêra, o damasco e a nêspera?’”<sup>11</sup>*

Os demais literatos, como Santiago Nunes Ribeiro, reconhecem que a língua empregada na literatura brasileira era a mesma língua do antigo colonizador. Todavia, o fato dos literatos brasileiros escreverem em língua portuguesa não seria um obstáculo para a existência de uma literatura genuinamente brasileira. No ensaio intitulado *“Da Nacionalidade da Literatura Brasileira”*<sup>12</sup>, de 1843, Santiago Nunes Ribeiro rebate as críticas que consideram a produção literária do Brasil um mero apêndice da portuguesa; para o autor, embora a língua empregada na literatura fosse a de Portugal, o Brasil teria uma literatura própria e nacional, resultante de um clima, uma natureza, instituições e costumes bem distintos do europeu. O espírito do Povo brasileiro, isto é, a peculiaridade de suas influências, sentimentos, crenças e condições sociais, necessariamente modificaria as obras escritas no Brasil.

Santiago Nunes Ribeiro define a literatura como *“a expressão da índole, do caráter, da inteligência social de um povo ou de uma época”*. Isto é, a literatura seria capaz de expressar o caráter nacional de um país; o seu modo próprio de sentir e conceber. Dessa maneira, a literatura brasileira estaria apta a delinear e exprimir a identidade do brasileiro. Na opinião do autor, a literatura brasileira seria fruto da inspiração fornecida pela natureza americana e desenvolver-se-ia através de estudos nos países europeus; essa natureza inspiraria somente os homens que com ela se comunicassem, modificando e tornando peculiar o seu espírito. Nunes Ribeiro afirma:

*“...o gênio dos brasileiros pertence ao clima, ao solo, ao Brasil finalmente. Assim em vez de considerar a poesia do Brasil como uma bela estrangeira, uma virgem da terra Helênica, transportada às regiões do novo mundo, nós diremos que ela é filha das florestas, educada na*

---

<sup>11</sup> ALENCAR, op.cit., p.498.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Santiago Nunes. *Da nacionalidade da literatura brasileira*. In: Afranio Coutinho. Caminhos do Pensamento Crítico. Rio de Janeiro: Ed. Americana : Prolivro, 1974.

*velha Europa, onde a sua inspiração nativa se desenvolveu com o estudo e a contemplação de ciência e natureza estranha.*”<sup>13</sup>

No processo de construção de uma consciência nacional o desenvolvimento de uma história própria do Brasil também teria um papel fundamental. A criação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), em 1838, relacionava-se ao projeto de criação de uma história nacional sistematizada e comprometida com a consolidação do Estado imperial. Essa história nacional desvendaria o processo de gênese da Nação e definiria a Nação brasileira, garantindo-lhe uma identidade própria no conjunto mais amplo das Nações. Cabe aqui ressaltar que próprio do processo brasileiro da construção da Nação foi a defesa de uma autonomia cultural do país, todavia sem negar a herança ibérica e o legado colonial – a Nação brasileira se reconheceria enquanto continuadora de uma tarefa civilizadora iniciada pela colonização portuguesa. Nesse sentido, a leitura da história empreendida pelo IHGB possuiria um duplo sentido: integrar o “novo” e o “velho”, isto é, traçar a gênese da nacionalidade brasileira em sua singularidade e, simultaneamente, estar em sintonia com a tradição européia de civilização e progresso. Daí resulta que a Nação brasileira traçada pelo IHGB seria o desdobramento, nos Trópicos, de uma civilização branca e européia, carregando consigo uma forte marca excludente.

O projeto de elaboração de uma história do Brasil teve início em 1840, quando o IHGB lança um prêmio para o trabalho que melhor elaborasse um plano para se escrever a História do Brasil. Prática essa comum, visto que seria fundamentalmente através de premiações e concursos que o IHGB e o próprio Imperador incentivariam a produção historiográfica. O trabalho vencedor foi o do alemão Karl Friedrich Philipp von Martius, cujo projeto intitulado “*Como se deve escrever a História do Brasil*”<sup>14</sup> foi analisado por mim neste ano de pesquisa.

Ao longo do texto escrito por von Martius, pode-se perceber que a História é considerada um ícone fundamental para a formação da Nação brasileira. Para von Martius, o Povo brasileiro seria o resultado da fusão de três raças: a branca ou caucasiana, a de cor de cobre ou americana e a preta ou etiópica. A História do Brasil seria a reunião, portanto, dos movimentos históricos característicos e singulares de cada uma dessas raças. Esse cruzamento de raças, com individualidades e índole moral/física particular, originaria uma nação nova e organizada.

A raça branca ou caucasiana era considerada por von Martius o principal motor do desenvolvimento histórico do povo brasileiro. Seguindo a linha filantrópica do Iluminismo, von Martius considerava a superioridade cultural do homem branco, ainda que com um “olhar mais generoso”. Os outros motores do desenvolvimento histórico seriam a raça indígena e a raça negra, consideradas menos civilizadas do que os brancos. Von Martius explicita essa idéia de uma Nação brasileira branca e civilizada, embora individualizada pela presença dos

---

<sup>13</sup> Ibid., p.47.

<sup>14</sup> DE MARTIUS, Carlos Frederico Ph. *Como se deve escrever a História do Brasil*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 6, 1844, págs. 389 a 411.

elementos indígena e negro, através de uma metáfora sobre a diluição das raças indígena e negra na raça branca:

*“Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderosos rio deverá absorver os pequenos confluente das raças índia e etiópica.”*<sup>15</sup>

Nesse sentido, a História do Brasil seria uma História Iluminista, que segue em uma linha do tempo cujo ponto de chegada é a formação do “brasileiro”, de uma nação branca e civilizada. A originalidade da nação brasileira estaria relacionada ao fato dos brasileiros serem fundamentalmente brancos: assim, o Brasil poderia estar situado no conjunto das nações civilizadas, representadas pelos Estados-Nacionais europeus. As nações civilizadas eram aquelas que tinham escrita, literatura e história, podendo assim progredir.

Para von Martius, a História do Brasil teria um papel muito além do entretenimento, pois seria também fonte de educação moral e civil para os brasileiros. Além disso, a História do Brasil seria responsável pelo amadurecimento das idéias políticas da população, pelo ideal de união das províncias e pelo estímulo ao patriotismo. Von Martius afirma:

*“O Brasil está afeto em muitos membros de sua população de idéias políticas imaturas. Ali vemos republicanos de tôdas as cores, ideólogos de tôdas as qualidades. É justamente entre êstes que se acharão muitas pessoas quês estudarão com interêsse uma história de seu país natal; para eles, pois, deverá ser calculado o livro, para convencê-los por uma maneira destra da inexiquibilidade de seus projetos utópicos, da inconveniência de discussões licenciosas dos negócios públicos, por uma imprensa desenfreada, e da necessidade de uma Monarquia em um país onde há um tão grande número de escravos. Só agora principia o Brasil e sentir-se com um todo unido.”*<sup>16</sup>

Nesse sentido, a História do Brasil seria uma História Mestre da Vida, uma história pedagógica, que utiliza os acontecimentos passados como exemplos para instruir a ação dos indivíduos:

*“Do que até agora se fez para a educação moral e civil dos índios e negros, e do resultado das instituições respectivas, o historiador poderá julgar do futuro, e tornando-se para ele a história uma Sibila profetizando o futuro, poderá oferecer projetos úteis, etc., etc.”*<sup>17</sup>

Pode-se concluir que a História do Brasil, verdadeiramente popular e representante do progresso do país, garantiria aos habitantes do Brasil a mesma origem, o mesmo fundo histórico e as mesmas perspectivas para o futuro. Para isso, a história deveria construir uma nacionalidade brasileira, que englobaria as identidades regionais existentes no Império do Brasil:

---

<sup>15</sup> Ibid., p.189.

<sup>16</sup> Ibid., p.204.

<sup>17</sup> Ibid., p.189.

*“As obras até o presente publicadas sôbre as províncias, em separado, são de aprêço inestimável. Elas abundam em fatos importantes, esclarecem até com minuciosidade muitos acontecimentos: contudo não satisfazem ainda às exigências da verdadeira historiografia, porque se ressentem de mais de certo espírito de crônicas [...] parece necessário que em primeiro lugar seja em épocas, judiciosamente determinadas, representando o estado do país em geral, conforme o que tenha de particular em suas relações com a mãe pátria, e as mais partes do mundo; e que, passando logo para aquelas partes do país que essencialmente diferem, seja realçado em cada uma delas o que houver de verdadeiramente importante e significativo para a história.”<sup>18</sup>*

- **Conclusão**

Em meados do século XIX, há um esforço em se construir uma nacionalidade brasileira, que englobaria as identidades regionais existentes no Império do Brasil. O surgimento dos Estados-Nacionais, a partir da Revolução Francesa, pressupunha a existência do conceito de “Nação”. No Império do Brasil, o conceito de “nação brasileira” será elaborado também pelo movimento literário romântico, através do desenvolvimento de uma literatura de cunho nacional. Essa literatura, apoiada por uma língua e por uma história brasileiras, marcaria a singularidade e a diferenciação do Brasil em relação a Portugal.

---

<sup>18</sup> Ibid., p.202-203.